

O OUTRO A PARTIR DA CORPOREIDADE: A IMPORTÂNCIA DO CORPO NA SITUAÇÃO DA MULHER EM O SEGUNDO SEXO DE SIMONE DE BEAUVOIR

THE OTHER FROM THE CORPOREALITY: THE IMPORTANCE OF THE BODY IN THE WOMAN SITUATION IN SIMONE DE BEAUVOIR'S THE SECOND SEX

Juliana Oliva *

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar a importância do corpo, como organismo ou como corpo situado, para Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949), obra na qual a autora busca compreender e questionar a situação da mulher enquanto Outro. Fixada como um objeto na sociedade, ela é destinada à imanência desde a sua formação, em relação ao homem, Sujeito absoluto direcionado a transcender a sua condição desde a infância. Com o intuito de associar a ação do olhar alheio e das instituições ao corpo vivido de cada mulher por meio de uma essência feminina, de uma ideia de Mulher socialmente construída, este artigo tem como base os dois volumes de *O Segundo Sexo*, “Fatos e Mitos”, a respeito do conhecimento produzido pelos homens sobre as mulheres, e “A experiência vivida”, relatos, trechos de diários e cartas de mulheres sobre a experiência concreta. A relação erótica entre homem e mulher também é de grande importância neste trabalho, quando realizada na autenticidade, em condições em que homem e mulher assumem a ambigüidade de sujeito e de outro da própria existência, esta é apontada por Beauvoir como possibilidade para que haja reciprocidade na relação homem-mulher em outros âmbitos, o que, junto com mudanças na sociedade, permitiria que a mulher deixasse a categoria de Outro.

PALAVRAS-CHAVE: Beauvoir; *O Segundo Sexo*; mulher; corpo; reciprocidade

ABSTRACT

The proposal of this paper is to analyze the importance of the body, as an organism or as a situated body, to Simone de Beauvoir in *The Second Sex* (1949), work in which the author is in the search for the comprehension of the

* Mestre em filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (2014), onde desenvolveu, como bolsista (CAPES), pesquisa sobre a identidade da mulher e a reciprocidade na relação homem-mulher em *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. E-mail para contato: julie_oliva@hotmail.com

woman situation, which she also questions, as the Other. Fixed as an object in society, she is destined for immanence since her formation, in relation to man, absolute Subject directed to transcend his condition since childhood. In order to associate the other's look action and the institutions action to each woman's lived body through a feminine essence, through a socially constructed idea of Women, this paper is founded on both *The Second Sex* volumes, "Facts and Myths", about the knowledge produced by men about women, and "Lived experience", women's narratives, passages from journals and letters about their concrete experience. The erotic relationship between man and woman is one of great importance as well in this work, this relationship, when accomplished in authenticity, in conditions in which man and woman take the subject/other ambiguity of their own existence, is pointed out by Beauvoir as a possibility for there to be reciprocity in the man-woman relationship within other scopes, which, with society changes, would allow woman to leave the Other category.

KEYWORD: Beauvoir; *The Second Sex*; woman; body; reciprocity

1. INTRODUÇÃO

Para Simone de Beauvoir, a partir de sua perspectiva, à qual ela se refere como "moral existencialista" (BEAUVOIR, 2009, p.30), o corpo é "instrumento de nosso domínio do mundo" (BEAUVOIR, 2009, p.65), para ela o corpo não é apenas objeto estudado pelos cientistas, Beauvoir compreende o "corpo como sujeito de experiência"¹, um corpo situado conforme a experiência do existente que está nesse corpo, que é esse corpo.

Na sociedade, os indivíduos são divididos a partir do corpo enquanto organismo no que Beauvoir chama, em *O Segundo Sexo* (1949), "categorias" (BEAUVOIR, 2009, p.15): masculino e feminino; os papéis e a situação desses indivíduos, homens e mulheres, são constituídos conforme essa divisão, assim como as suas escolhas também tem significados diferentes na sociedade. A ideia de "Mulher" está fortemente ligada ao funcionamento do organismo feminino, o corpo enquanto organismo não é somente a base para a construção

¹ María Carmen López Sáenz atribui à leitura feita por Beauvoir da *Fenomenologia da percepção*, de Merleau-Ponty, e à resenha que a autora escreveu da obra, a inspiração para a autora compreender o corpo como "uma situação inerente ao nosso ser no mundo, como determinante de nossas apreensões do mesmo e esboço de nossos projetos." (SÁENZ, 2012, p.186) ("una situación inherente a nuestro ser en el mundo, como determinante de nuestras aprensiones del mismo y esbozo de nuestros proyectos.")

da “Mulher” mas é historicamente reinterpretado, e essas interpretações influenciam diretamente na situação da mulher que, desde a infância, é uma situação de submissão e inferioridade em relação ao homem.

Compreendo a análise de Beauvoir da apreensão das categorias masculino e feminino a partir da formação do indivíduo desta forma:

Para Beauvoir (BEAUVOIR, 2009, pp.361-362), apesar das diferenças físicas, meninos e meninas se percebem diferentes enquanto existentes somente no período da puberdade, aproximadamente após os 12 anos de idade. Durante a infância, mesmo considerados pelos adultos como menino ou menina, conforme Beauvoir descreve, a compreensão do mundo por meio do corpo, os interesses, os prazeres, a relação com a mãe, o desmame, a exploração do próprio corpo, o comportamento para conquistar o amor dos adultos etc ocorrem de modo geral da mesma forma em meninos e meninas. Mas, embora o organismo de ambos tenha o mesmo desenvolvimento, os pais e educadores – sociedade em geral – já os criam para que se tornem pessoas correspondentes ao seu sexo, que corresponde a uma determinada categoria. (OLIVA, 2013, p.52)

A menina será então criada para tornar-se mulher. Ela é impelida a chamar a atenção para si como objeto desde criança e durante toda a vida, mesmo quando o menino já é direcionado a não fazer mais gracinhas e a não mais esperar carinho dos adultos. A menina, pelo contrário, tem um destino no qual sempre será vista como objeto, as suas brincadeiras são mais leves para conservar a roupa macia e com laços que a enfeita, enquanto o menino veste roupas que facilitam os seus movimentos em suas brincadeiras. (BEAUVOIR, 2009, pp.363-364) A formação da menina não a encaminha para o destino masculino privilegiado; ela não possui um pênis, a ela lhe dão uma boneca, que corresponde a seu duplo separado de si mesma, a presença física que ela pode ostentar simbolizando o destino feminino. (BEAUVOIR, 2009, p.371) Com todas essas características especificamente masculinas e femininas, o discernimento entre masculino como superioridade e feminino como inferioridade já ocorre na infância. Com a ampliação do universo da criança essa diferença só é confirmada, no ambiente familiar a criança observa que é o pai quem tem autoridade sobre todos, e fora da família, na sociedade ocidental em geral, seja na história, na literatura, nas canções, nas lendas e na religião cristã (BEAUVOIR, 2009, p.385), aprendem que foi o homem quem fez tudo. (OLIVA, 2013, pp.54-55)

Enquanto a menina é direcionada a fazer-se objeto, a permanecer determinada pelo olhar alheio, o menino é direcionado a transcender a sua situação. “A imensa sorte do menino está em que em sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si” (BEAUVOIR, 2009, pp.375-376), escreve Beauvoir; ao mesmo tempo que estão sob o olhar de outrem, como todo ser humano, os meninos são autônomos; eles são ativos, aprendem a atacar e a se defender na briga e a competir, enquanto a menina age somente para outrem, seu objetivo é agradar e não ser ativa. (BEAUVOIR, 2009, pp.375-376) Pela violência o menino se afirma sujeito e não se deixa fazer objeto. Beauvoir considera abstrata a violência que não passa pelos músculos; a impotência física impede a ação e a conquista de um lugar na sociedade diferente daquele que lhe foi dado, para Beauvoir a força física está aliada à confiança em si, e no caso da mulher a ausência dessa força, ausência produzida, é parte da feminilidade: “Não ter mais confiança no corpo é perder confiança em si próprio. Basta ver a importância que os rapazes dão a seus músculos para compreender que todo indivíduo julga o corpo como sua expressão objetiva.” (BEAUVOIR, 2009, p.435) Ambos, mulheres e homens, possuem força, porém na divisão de papéis entre os sexos a força é desenvolvida no masculino mas não no feminino; o homem experimenta a força em seu corpo, por isso adquire características que contribuem para um perfil ativo, que transcende e que se afirma, e a mulher, não tendo desenvolvido a sua força, é levada a crer que não possui força, já que nunca a experienciou, por isso o perfil dito “feminino” corresponde facilmente à passividade e à imanência, sem a iniciativa à transcendência do masculino. (OLIVA, 2013, p.57)

Ao deixar a infância, a menina, conforme Beauvoir descreve, parece esperar por uma última chance para tornar-se um sujeito autônomo, para deixar de agir conforme o que se espera dela e para, assim como o menino, poder realizar algo no mundo, transcender a sua situação e não ser somente um objeto a ser admirado. (BEAUVOIR, 2009, pp.405-406) Contudo, Beauvoir aponta que é o contrário que acontece à menina, pois o destino da mulher está diretamente ligado ao seu corpo, assim, o grande choque da menina ocorre quando ela começa a conhecer o seu organismo e seu destino, que consiste em algo diferente do que está na sua imaginação; ela encara os fatos e percebe como é vista, que seu eu separa-se de seu corpo (BEAUVOIR, 2009, p.440), que seu corpo se torna objeto que os outros olham: “A menina sente que o corpo lhe escapa, não é mais a expressão clara de sua

individualidade; torna-se estranho para ela; e, no mesmo momento, ela é encarada por outrem como uma coisa: na rua, acompanham-na com o olhar, comentam sobre sua anatomia; ela gostaria de ficar invisível; tem medo de tornar-se carne e medo de mostrar essa carne.” (BEAUVOIR, 2009, p.407)

Durante a puberdade a mulher se distancia mais da sua condição de sujeito e é mais situada como objeto (BEAUVOIR, 2009, pp. 405-406); a princípio essa mudança é esperada com certo orgulho, como se menstruar fosse a sua última chance para poder se afirmar como um ser autônomo, como um adulto, como “mulher”, porém ela descobre que “tornar-se mulher”, mesmo no sentido biológico, não consiste em tornar-se um ser humano autônomo, mas em tornar-se objeto. (OLIVA, 2013, p.64) Nancy Bauer (BAUER, 2001, p.171), em *Simone de Beauvoir, Philosophy & Feminism*, ressalta que o corpo vivido da menina, durante a puberdade, é objetificado pelo olhar masculino; visto agora como corpo passivo, e nessa objetificação de si mesma muitas vezes a menina encontra uma possibilidade de fuga de sua liberdade; a atenção masculina voltada ao corpo da moça pode fazer com que os seus sentimentos de alienação aumentem. (OLIVA, 2013, p.65)

Destinada à imanência, em um corpo a ser entregue como carne para o macho que a possuirá, a menina sente que seu corpo passa a ser desejado e agora sente medo das consequências desse desejo, consequências que se considera provocadas por esse corpo (BEAUVOIR, 2009, pp.418-421), como o defloramento e a gravidez, a menina aprende que deve escondê-lo para se proteger, mas ao mesmo tempo é esse corpo que a identifica como mulher; enquanto a puberdade no menino é tida como uma transformação relacionada à virilidade, à transcendência, ele deve sentir orgulho e não vergonha do seu corpo. (BEAUVOIR, 2009, p.416)

Menina e menino são formados para se tornarem respectivamente mulher e homem, os membros que irão compor um casal, a mulher é direcionada a assumir os papéis de esposa e mãe na vida adulta; na época em que Beauvoir escreve, esses papéis são fortemente impostos à mulher, e negá-los é ser tida como desviante de seu lugar na sociedade. Beauvoir questiona a maternidade enquanto idealização, como suposta vocação natural e como única maneira da mulher realizar seu destino fisiológico e pessoal. Seu ponto de partida para discutir o tema da maternidade são as possibilidades da mulher escolher o seu destino, Beauvoir nos recorda que os métodos anticoncepcionais e o aborto

podem modificar o suposto destino biológico feminino, e contrasta com essas possibilidades de não tornar-se mãe a imposição da maternidade por meio da proibição ou do controle dessas possibilidades de escolha, realizados pela religião e pelos costumes, por exemplo. (BEAUVOIR, 2009, p.645) Para Beauvoir, a maternidade é uma escolha, independente de determinações e morais existentes, que deveria ser feita por cada mulher, de acordo com o significado atribuído por cada uma. (BEAUVOIR, 2009, p.656)

Assim como a formação da mulher ocorre por meio dos significados que são atribuídos ao seu corpo, o seu papel esperado na sociedade também é baseado no mesmo, a gravidez ocorre no corpo da mulher mas nem sempre ela pode decidir se quer engravidar, nem se quer fazer um aborto, a escolha em relação a algo que ocorre no corpo da mulher e o valor de sua decisão mais uma vez se encontram nas mãos da sociedade e não na sua capacidade autônoma de decidir.

Beauvoir não descarta a possibilidade de vivenciar a maternidade como uma escolha autêntica. Ela pensa que um apoio maior às tarefas ligadas à maternidade presente na estrutura social poderia garantir a cada mãe outras formas de tornar-se mãe, o que contribuiria para que a maternidade fosse realizada como uma escolha autêntica. (BEAUVOIR, 2009, pp.695-696) Na interpretação de Beauvoir, a gravidez para a mulher que luta entre afirmar-se como liberdade e cumprir o seu papel de objeto consiste em gerar e carregar um ser que ela pensa que justificará a sua própria existência. Para Beauvoir, a mãe cria algo em seu corpo que representa o futuro, símbolo de sua esperança por transcender, mas ao mesmo tempo permanece na imanência em seu corpo que é feito instrumento da natureza. “Mas é apenas uma ilusão.” (BEAUVOIR, 2009, p.663), escreve Beauvoir, e justifica: “Porque ela [a mãe] não fez realmente o filho: ele se fez nela; sua carne só engendra carne: ela é incapaz de fundar uma existência, que se terá de fundar ela mesma.” (BEAUVOIR, 2009, p. 663) A capacidade que o corpo da mulher tem de procriar não a realiza, nem justifica a sua existência, ela não transcende a sua situação de fêmea humana, ela continua a pretender afirmar-se por meio do seu corpo, como a sociedade já sugere que ela faça, e continua presa na imanência. O reconhecimento que ela pode ganhar como mãe na sociedade decorre do serviço que ela presta à espécie, e por assumir o papel de mãe, porém continua situada como o Outro. (BEAUVOIR, 2009, pp.668-671) A maternidade como promessa de igualdade concreta entre os sexos, como se o filho fosse

equivalente ao pênis, é mistificação para Beauvoir, essa realização por meio da maternidade depende da situação de cada mulher; no caso de uma mãe solteira, Beauvoir aponta que a inferioridade de sua situação declinará mais ainda e ela não terá o mesmo reconhecimento que teria a mãe que é casada. O símbolo da maternidade é socialmente construído e não tem relação nenhuma com uma essência especificamente feminina, mas somente com o significado que é atribuído à procriação. (BEAUVOIR, 2009, pp.697-698)

Tornar-se objeto de desejo e a capacidade de engendrar dependem do corpo da mulher, e com o passar dos anos deixam de ser significativos na sociedade conforme as mudanças desse corpo. Beauvoir assinala que a mulher recusa a aceitar a própria velhice e luta contra um tempo que, nas palavras da autora “a deforma e a enfeia”; por outro lado, a autora explica que a aceitação do envelhecimento livra a mulher dessa luta contra a velhice mas a coloca diante de outra luta: por conservar “um lugar na terra”. (BEAUVOIR, 2009, pp.765-766) Mas aceitar a velhice depende da própria mulher, ela pode escolher aceitar o momento que vive e atribuir ao mesmo um significado positivo, porém mesmo que ignore o peso dessa passagem na sociedade, a sua subjetividade ainda é fortemente associada ao seu corpo, um corpo que aos olhos da sociedade envelhece e carrega um significado negativo.

Compreendemos com Beauvoir que é no corpo que a mulher sente a brutalidade dos significados atribuídos às passagens de sua vida, como a do fim da menstruação e a do início da menopausa, por exemplo. (BEAUVOIR, 2009, pp.757-758) Não somente nessas passagens, mas ao longo da experiência vivida, parece ser muito mais o corpo que constitui a subjetividade de cada mulher do que as suas próprias escolhas. A autora considera “todo período da vida feminina” (BEAUVOIR, 2009, p.757) — puberdade, iniciação sexual, menopausa — “calmos e monótonos” (BEAUVOIR, 2009, p.757), porém divididos por passagens de perigosa brutalidade (BEAUVOIR, 2009, p.757), nas quais “é menos do próprio corpo que provêm os incômodos da mulher que da consciência angustiada que tem deles. O drama moral inicia-se antes que os fenômenos fisiológicos se declarem e termina quando eles já de há muito desapareceram.” (BEAUVOIR, 2009, pp.757-758)

Como vimos acima, de acordo com a perspectiva de Beauvoir, não há nada, nenhuma essência anterior ao existente que o determine nesse mundo, todo existente só pode ser definido por si mesmo, o que o caracteriza como livre. Assim, os significados do que se entende por feminino são negados pela autora como essência feminina e

compreendidos como construção social. Todo existente, antes de ser situado como “homem” ou “mulher”, é compreendido por Beauvoir como um ser cuja liberdade é intrínseca à sua existência e que não é nada a princípio — sem natureza específica ou essência, mas caracterizado por transcendência (GOTHLIN, 2003, p.49), pela possibilidade de transcender a situação na qual se encontra no mundo —, o que faz com que para ser algo precise fazer algo de si, e para fazer algo de si ele precisa escolher. É a partir da experiência que o indivíduo atribuirá significados às suas ações, escolhendo e então justificando (BEAUVOIR, 2005, p.17) cada escolha. Para Beauvoir, a liberdade original, a princípio contingente, deve ser conservada nas escolhas que os indivíduos fazem ao desvelar significados no mundo e atribuir valores às suas escolhas; é constituindo o mundo de significados e valores que a liberdade deixa de ser contingente e torna-se significativa no mundo desvelado pelos seres humanos. (OLIVA, 2013, p.29)



2. OBSTÁCULOS CULTURAIS

Em *O Segundo Sexo* Beauvoir busca entender por que a liberdade da mulher é ignorada desde os tempos mais primitivos, por que ela é tida como o *Outro* em relação ao homem, tido como sujeito absoluto, nas relações entre os sexos e na sociedade em geral. Beauvoir separa os obstáculos naturais dos humanos, os obstáculos naturais parecem se confundir com os obstáculos construídos socialmente quando estes são fundamentados pelos naturais; pequenos obstáculos naturais que podem ser recusados e superados pelo ser humano do sexo feminino tornam-se obstáculos maiores e aparentemente intransponíveis e naturais, quando o que ocorre é que adquiriram esse sentido pela ação de uma liberdade humana para oprimir outras liberdades. (BEAUVOIR, 2005, p.30) Se a maternidade, ou a menstruação, por exemplo, colocam obstáculos naturais à mulher, como ser humano ela é capaz de transcender a sua situação natural e superá-los, porém sua transcendência é barrada por tais obstáculos graças ao sentido humano que lhes foi atribuído. (OLIVA, 2013, p.38)

A mulher, conforme Beauvoir examina ao longo de *O Segundo Sexo*, pode transcender a sua situação e colocar-se como sujeito, primeiramente para si mesma e então na relação com o homem e em sua situação na sociedade, contudo é devido à situação em que ela se encontra, mantida por instituições, pela cultura e pela ação dos próprios homens, formados para se colocarem como sujeito e apreender a mulher enquanto objeto, que ela permanece em um estado de imanência e não o transcende. Essa situação começa a cercá-la a partir do nascimento, ao tornar-se “menina” para o mundo, devido a uma característica anatômica pela qual a classificam. Beauvoir, em busca das respostas que foram dadas para a pergunta “O que é uma mulher?” (BEAUVOIR, 2009, p.13), começa do ponto de partida da diferenciação dos sexos, o que ela chama “os dados da biologia”, nome dado ao primeiro capítulo da obra, no qual ela comenta e examina o que é dito sobre a mulher enquanto organismo e como esses dados reduzem a mulher a um *Outro* absoluto em relação ao masculino em diversas esferas da sociedade. (BEAUVOIR, 2009, p.65)

Características fisiológicas (BEAUVOIR, 2009, p.35), como a agilidade do espermatozóide e a imobilidade do óvulo à espera de ser fecundado são associadas aos comportamentos masculino e feminino, como se pelos gametas

fosse possível definir o Homem e a Mulher, suas escolhas, seus atos, suas funções sociais, a partir de seus corpos. O comportamento feminino é também com frequência associado ao que fora observado em fêmeas de outras espécies, como a aranha e a fêmea do louva-a-deus que devoram o macho após o coito, cadelas e macacas que chamam a atenção do parceiro para o acasalamento, ou a fêmea do tigre, a leoa e a pantera que aguardam que o macho as possua. (OLIVA, 2013, p.44)

Beauvoir considera importante que de um ponto de vista biológico as diferenças entre os organismos masculino e feminino sejam salientadas, até mesmo para que os seres humanos construam um mundo onde seja possível viver sem que as diferenças (como em relação à força física, que, segundo a autora, é menor no sexo feminino) tornem-se obstáculos, mas aponta o problema da inautenticidade que há em determinar o destino de um indivíduo, suas escolhas e ações, pela estrutura do seu organismo. Para Beauvoir, a psicanálise daria conta de ir além do “corpo-objeto descrito pelos cientistas” para o “corpo vivido pelo sujeito” (BEAUVOIR, 2009, p.71), que se desenvolve e que nesse percurso encontra mudanças não só físicas mas também psíquicas, situado numa vida, em experiências que envolvem valores e morais e que atribuem significados a esse corpo. (BEAUVOIR, 2009, pp.69-70) Mas, se para a biologia o indivíduo é somente um mero organismo, para os psicanalistas, de acordo com a interpretação que Beauvoir tem de Freud, “a verdade primeira do homem [ser humano] é uma relação com seu próprio corpo e com o corpo de seus semelhantes no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 2009, p.79), ela entende que para os psicanalistas a sexualidade é tida como “dado irreduzível”, interpretam toda ação humana no mundo por meio de símbolos sexuais. (BEAUVOIR, 2009, p.79) A interpretação psicanalítica a princípio não considera a todos como seres humanos, mas como homens e mulheres. Para Beauvoir, do ponto de vista psicanalítico, assim como na sociedade em geral, o homem é tido como aquele que é capaz de transcender a sua situação, e procura-se fundamentar essa caracterização masculina em sua anatomia, no símbolo do pênis (BEAUVOIR, 2009, p.81), quando na verdade a condição masculina na sociedade é que possibilita que sejam os homens aqueles que se encontrem em tal posição de privilégio. (OLIVA, 2013, pp.44-45)

Ainda, para Beauvoir, a situação do indivíduo é considerada de maneira mais ampla pelo “ponto de vista do materialismo histórico”, do que pelas teorias da biologia e da psicanálise, por não ignorar a relevância que a posição econômica e social terá na vida do

indivíduo — é por isso que considera importante tal ponto de vista para pensar a diferença entre os sexos presente no mundo social. Sua referência (BEAUVOIR, 2009, p.88) neste caso é *A origem da família* de Friedrich Engels, em que o autor sugere que o momento em que surge a propriedade privada e o patriarcado, a diferença entre os sexos passa a ser significativa para a sociedade. O socialismo seria a solução proposta pelo autor, de acordo com a interpretação de Beauvoir, para que se alcance a igualdade entre homens e mulheres, que passariam a ser somente trabalhadores, porém Beauvoir observa que o socialismo não anula a desigualdade entre os sexos na União Soviética (BEAUVOIR, 2009, pp.93-94), onde mesmo como comunidade socialista, grande pressão, por meio de costumes da sociedade, permanece sobre as mulheres no que diz respeito à obrigação da maternidade. No contexto socialista, ou do “ponto de vista do materialismo histórico”, como Beauvoir se refere, homens e mulheres não são determinados pela estrutura de seus organismos, nem pela sexualidade, ambos são considerados iguais enquanto trabalhadores, pois se trata somente da perspectiva econômica; contudo, independente da única classe trabalhadora, à qual pertence, a individualidade de uma trabalhadora, de uma mulher, envolve a escolha em relação à maternidade, a maternidade dentro do regime socialista da União Soviética era fundamental para as necessidades da produção e da repopulação, conforme a autora descreve, ou seja, diante das necessidades da sociedade, a escolha de cada mulher desaparecia. Beauvoir aponta o casamento imposto por leis ou por costumes, a proibição de medidas anticoncepcionais, do aborto e do divórcio, e o discurso para que as mulheres se façam objeto erótico, como situações que direcionam a mulher a optar pelo casamento e pela maternidade. (BEAUVOIR, 2009, pp.93-94) Embora fossem economicamente iguais aos homens, as mulheres eram limitadas pela sociedade a exercerem o papel de mãe, independente do significado da maternidade para cada mulher em sua vida. (OLIVA, 2013, pp.46-47)

3. O “ETERNO FEMININO”

Compreendemos que para Beauvoir o conhecimento específico dos campos biológico, psicológico, econômico e social também constituem, por meio de seus valores, a situação feminina, e assim limitam ou expandem as ações e escolhas do ser humano do sexo feminino, criam o destino da mulher em cada época e em cada sociedade. Na pesquisa que Beauvoir faz nos registros históricos desde a Pré-História até a Idade Contemporânea, a Mulher é descrita quase a todo o momento como o Outro. (OLIVA, 2013, pp.47-48) Essa situação da mulher enquanto o Outro está na experiência concreta mas ao mesmo tempo é construída de modo que não haja outra forma de a mulher estar no mundo, a mulher é impelida a tornar-se o Outro e a acreditar que é Outro, pois o conhecimento difundido na sociedade e os registros históricos confirmam constantemente essa situação. Assim, a formação de uma mulher se dá com base em mitos que a destina a encarná-los; agindo conforme o que apreendeu de sua formação, pensando ser aquele modo o modo “natural” de uma mulher agir, ela deixa mais um rastro do que se considera feminino a ser registrado pela história, como todos os outros rastros de outras mulheres; a mulher é criada para ser o Outro, é vista como o Outro e essa situação é tida como natural pois é sabido que todas as outras mulheres também foram ou são o Outro. As mulheres se conhecem como o Outro e é também assim que os homens a conhecem. (OLIVA, 2013, p.88) Beauvoir explica o que chama “mito” na situação da mulher:

Há diversas espécies de mitos. Este [mito da mulher enquanto outro absoluto, ou Eterno Feminino²], sublimando um aspecto imutável da condição humana que é o “seccionamento” da humanidade em duas categorias de indivíduos, é um mito estático; projeta em um céu platônico uma realidade apreendida na experiência ou conceitualizada a partir da experiência. Ao fato, ao valor, à significação, à noção, à lei empírica, ele substitui uma Ideia transcendente, não temporal, imutável, necessária. Essa ideia escapa a qualquer contestação porquanto se situa além do dado; é dotada de uma verdade absoluta. Assim, à existência dispersa, contingente e múltipla *das* mulheres, o pensamento mítico opõe o Eterno Feminino único e cristalizado; se a definição que se dá desse Eterno Feminino é

² Beauvoir usa a expressão “Eterno Feminino” referindo-se a um mito que abrange e cristaliza ideais de feminilidade criados a partir dos olhares voltados às experiências femininas que mantém a mulher como Outro. Beauvoir afirma que a expressão “Eterno Feminino” é homóloga às expressões “alma negra” e “caráter judeu”. (BEAUVOIR, 2009, p. 25) “Eterno Feminino” é tirado do final do *Segundo Fausto* de Goethe: “O Eterno Feminino atrai-nos para o alto”, onde Beauvoir percebe a inversão da atração exercida pela mulher, antes para a terra, e agora para o céu. (BEAUVOIR, 2009, p.256)

contrariada pela conduta das mulheres de carne e osso, estas é que estão erradas. (BEAUVOIR, 2009, p.343)

O que Beauvoir chama “Eterno Feminino” contribui para impedir a mulher de tornar-se alguém que não o Outro, de transcender a sua situação, que lhe é apresentada como aparentemente fixa e natural. Esse “mito estático”, como a autora se refere, que se encontra cristalizado como verdade absoluta acima de toda construção singular de qualquer valor ou significação (como se esse mito, ou qualquer outro, não fosse também construção social) limita a experiência. O mito feminino, do qual Beauvoir fala, nega a liberdade de cada existente fazer de si o que escolher; contudo, mesmo aparentemente limitado, o existente ainda faz escolhas, pois se trata de um indivíduo de carne e osso, e não de um ideal, assim, as mulheres, embora carreguem o fardo do “Eterno Feminino” na formação e em situação, nunca coincidem exatamente com o mito, mas sendo o mito considerado verdade absoluta, então se considera que as mulheres é que são erradas por não corresponderem ao mito. (OLIVA, 2013, p.89)

Para Kristana Arp, em “Beauvoir’s Concept of Bodily Alienation”, esses mitos dos quais fala Beauvoir são criados a partir do corpo da mulher para que confirmem a sua posição de objeto (ARP, 1995, p.173), ela pensa que para Beauvoir, no caso da diferença entre os sexos, o tornar-se Outro por meio da cultura é um tornar-se também por meio do corpo: “Como ela [Beauvoir] mostra, a fêmea tem sido associada a uma variedade vertiginosa de fenômenos em mitos [...] O que esses fenômenos tem em comum é que eles são relacionados mais ou menos diretamente ao corpo” (ARP, 1995, p.172)³ Não por acaso, segundo Arp, a passagem para o segundo volume em *O Segundo Sexo* é feita dos mitos (tema da última parte do primeiro volume) para o corpo (tema da primeira parte do segundo volume), que não consiste somente em organismo mas também em corpo vivido pelo sujeito que sofrerá influência desses mitos: “É a socialização feminina, ela [Beauvoir] continua a mostrar e explicar nessa segunda parte do trabalho [o segundo volume de *O Segundo Sexo*], que efetua a transição do experienciar um corpo como a radiação de uma

³ “As she [Beauvoir] shows, the female has been associated with a dizzying variety of phenomena in myths [...] What these phenomena have in common is that they are related more or less directly to the body.”

subjetividade para o experienciar um corpo como um ‘objeto dado inerte’, não a biologia.” (ARP, 1995, p.173)⁴, escreve Arp. (OLIVA, 2013, p.87)

É importante comentar que à descrição que Beauvoir faz do corpo feminino no capítulo “Os dados da biologia” e retoma ao longo de *O Segundo Sexo* pode ser atribuída uma visão considerada negativa do corpo feminino (ARP, 1995, pp.161-162), por ela associar o corpo masculino à transcendência. Contudo, Arp entende que a perspectiva biológica é também uma perspectiva social, uma vez que até mesmo o corpo enquanto organismo já é explicado dentro de um contexto social, o que Beauvoir faz é descrever como um ponto de vista biológico explica esse corpo. E se a autora insiste na alienação do mesmo, quando se refere ao corpo feminino como presa da espécie (BEAUVOIR, 2009, p.104), ela não sugere uma “alienação do corpo” no sentido biológico, mas uma alienação social e cultural; como “alienação do corpo” Arp entende a descrição negativa do corpo da mulher em termos biológicos e o modo como a mulher olha para o próprio corpo a partir da puberdade, como se ele fosse algo exterior a ela mesma. (ARP, 1995, pp.162-163) Para Arp, esse corpo alienado socialmente enquanto corpo biológico não impede a transcendência; para ela são as forças sociais que afetam a experiência vivida desse corpo. (ARP, 1995, pp.167-168) Para Karen Vintges, em “*The Second Sex and Philosophy*”, os críticos de Beauvoir nesse caso ignoram a “tese principal de *O Segundo Sexo*”, a da “mulher enquanto o Outro histórico”, portanto a visão do corpo que Beauvoir analisa não é a que ela mesma tem do corpo feminino, mas sim uma visão cultural. Considerando que para Beauvoir o ser humano não nasce determinado, e no caso da mulher, não nasce determinado a ser mulher, seria contraditório em relação a essa consideração se ela apresentasse uma definição única, negativa ou positiva, do corpo feminino válida para os corpos de todas as mulheres, o que ela analisa em *O Segundo Sexo* (BEAUVOIR, 2009, p.70) são os universais femininos nos quais se tenta encaixar as mulheres limitando cada vez mais a liberdade e a capacidade de transcendência das mesmas. (OLIVA, 2013, p.59)

⁴ “It is female socialization, she goes on to demonstrate in this second part of the work, that effects the transition from experiencing one’s body as the radiation of a subjectivity to experiencing it as an “inert given object” (1:25), not biology.”

4. A RELAÇÃO ENTRE OS SEXOS

Para Beauvoir, homens e mulheres são a princípio apenas existentes, apenas liberdades e não Sujeito e Outro fixados em suas posições. (BEAUVOIR, 2009, pp.30-31) Para a autora, todo existente pode se colocar como sujeito e ser apreendido pelo outro como objeto nas relações e vice-versa, e para ela é preciso que essa ambiguidade seja também reconhecida no âmbito social. (BEAUVOIR, 2009, pp.931-932) No caso da relação entre os sexos, Beauvoir aponta a relação erótica autêntica como uma relação onde há reciprocidade entre homem e mulher, pois é onde ambos se doam como objeto, carne para o outro e ao mesmo tempo enquanto sujeitos desejam esse outro. (BEAUVOIR, 2009, pp.518-519)

A relação erótica entre um homem e uma mulher aparece no casamento e na prostituição como uma ligação forte entre ambos, e como condição da manutenção do lugar ocupado pela mulher. Em ambos os casos a mulher exerce o seu papel para o homem em troca de privilégios e de reconhecimento pelo ato sexual. (OLIVA, 2013, pp.143-144) A mulher quer afirmar-se sujeito, como todo existente, mas ao mesmo tempo precisa da situação na qual se encontra pois é a única que ela conhece e ela não saberia criar outra. (BEAUVOIR, 2009, pp.621-623) Casada, cortesã ou prostituta, a mulher é impelida a permanecer em seu lugar de *Outro* em relação ao homem. Em “Out from Under: Beauvoir’s Philosophy of the Erotic”, Debra Bergoffen escreve

Assim como o homem renuncia aos requerimentos da reciprocidade no exercício de sua transcendência, a mulher renuncia aos requerimentos da reciprocidade em nome do laço. Beauvoir não aprova nenhuma das duas renúncias. Ela condena não só as mulheres como também os homens por permitirem que a renúncia ocorra.⁵ (BERGOFFEN, 1995, pp.189-190)

A reciprocidade é impossibilitada pelo próprio interesse do homem em ser o sujeito absoluto, em permanecer reconhecido permanentemente como para-si, e da mulher por sentir a necessidade de conservar o laço que tem com o homem, aquele que a reconhece permanentemente como em-si e lhe garante a segurança de ser determinada. (OLIVA, 2013, pp.149-150)

⁵ “Where man forfeits the requirements of reciprocity in the exercise of his transcendence, woman forfeits the requirements of reciprocity in the name of the bond. Beauvoir does not approve of either forfeiture. She condemns both women and men for allowing it to occur”

É na relação erótica que fica mais clara a ambiguidade da condição humana pois ambos conservam a liberdade fazendo-se objeto para o outro. Para Beauvoir “o erotismo feminino normal e feliz” (BEAUVOIR, 2009, p.518) pressupõe a superação, feita pela mulher, de sua passividade na relação, de amor, ternura, sensualidade, com o seu parceiro, o que para a autora caracteriza uma relação de reciprocidade (BEAUVOIR, 2009, p.518). É preciso que ambos reconheçam a si mesmos e um ao outro como consciência e carne ao mesmo tempo: “se [o homem] a [a mulher] deseja em sua carne, reconhecendo sua liberdade, ela se reencontra como o essencial no momento em que se faz objeto, ela continua livre na submissão a que consente.” (BEAUVOIR, 2009, p.518) Ao livre movimento em que ambos se desejam e submetem a si mesmos ao outro como carne desejada, para Beauvoir, ambos podem sentir o mesmo em tal situação:

Então os amantes podem conhecer, cada qual à sua maneira, um gozo comum: o prazer é sentido por cada um dos parceiros como sendo seu, embora tendo sua fonte no outro. As palavras receber e dar trocam seus sentidos, a alegria é gratidão, o prazer ternura. Numa forma concreta e carnal realiza-se o reconhecimento recíproco do eu e do outro na consciência mais aguda do outro e do eu. (BEAUVOIR, 2009, pp.518-519)

A relação entre ambos pode ser caracterizada por novos significados, sem o peso da oposição entre o homem enquanto sujeito absoluto e a mulher enquanto objeto, outro absoluto, na relação erótica ambos podem ser iguais enquanto consciência e carne. Contudo, embora a hierarquização social dos sexos possa ser abolida na relação erótica, Beauvoir não parece ignorar as “marcas” do feminino construído na mulher e do masculino construído no homem, apesar da possibilidade de ambos vivenciarem a situação de maneira positiva e em igualdade. (OLIVA, 2013, p.151) A autora analisa:

Certas mulheres dizem sentir nelas o sexo masculino como uma parte de seu próprio corpo; certos homens *acreditam ser* a mulher que penetram; essas expressões são evidentemente inexatas; a dimensão do *outro* permanece; mas o fato é que a alteridade não tem mais um caráter hostil; é essa consciência da união dos corpos em sua separação que dá ao ato sexual seu caráter comovente; ele é tanto mais perturbador quanto os dois seres, que juntos negam e afirmam apaixonadamente seus limites, são semelhantes e no entanto diferentes. Essa diferença, que muitas vezes os isola, torna-se, quando se reúnem, a fonte de seu encantamento; a febre imóvel que a queima, a mulher contempla-lhe a imagem invertida no seu ardor viril; a potência do homem, é o poder que ela exerce sobre ele; esse sexo inflado de vida pertence-lhe, como seu sorriso pertence ao homem que lhe dá prazer. Todas as riquezas da virilidade e da feminilidade refletindo-se,

apreendendo-se umas através das outras, compõem uma unidade móvel e estática. O que é necessário a uma tal harmonia não são requintes técnicos mas antes, na base de uma atração erótica imediata, uma generosidade recíproca de corpo e alma. (BEAUVOIR, 2009, p.519)

Beauvoir assinala a sensação de perceber na relação apenas um corpo, o próprio corpo, como se o outro fizesse parte deste, como se dois corpos se tornassem um só, mas ela aponta que embora os amantes sintam o outro corpo como parte do seu ou acreditem ser o outro corpo, ainda há a dimensão do outro na situação. Ela observa que essa alteridade não tem caráter hostil, mas as diferenças permanecem, porque os corpos na relação são diferentes, mas e o significado desses corpos? Embora naquele momento sejam iguais enquanto carne e consciência, sem que um ameace o outro, sem a oposição entre o homem que possui e a mulher possuída enquanto coisa, as referências do contexto social no qual ambos foram formados ainda aparecem, e Beauvoir as descreve (BEAUVOIR, 2009, p.519): a “potência do homem” e “esse sexo inflado de vida” são as “riquezas da virilidade” que para a mulher parecem lhe pertencer, e “o seu [da mulher] sorriso”, uma das “riquezas da feminilidade”, é o que parece ao homem lhe pertencer, essa é a troca que Beauvoir identifica. A reciprocidade se realiza em uma relação, a relação erótica, entre um homem e uma mulher, ainda representados pelas imagens de masculino e feminino que continuam, em outras situações, a anular a reciprocidade entre ambos: o pênis como símbolo masculino que representa a sua virilidade e a sua capacidade de transcender, e o sorriso da mulher, expressão a ser admirada daquela que é representada pela feminilidade, definida pela sua própria condição de fêmea a constituir-se como objeto a ser admirado, são enfatizados por Beauvoir como o que também ambos tem a trocar na relação erótica. Assim, no erotismo, a igualdade se realiza ainda no contexto dos valores que separam homens e mulheres, trata-se apenas de uma possibilidade de reciprocidade em uma situação que não implicará diretamente em uma mudança na situação geral das relações entre homem e mulher. (OLIVA, 2013, p.152)

Para Bauer, Beauvoir pontua que mesmo quando homens e mulheres são sistematicamente encorajados a evitar lidar com a liberdade existencial deles, o amor erótico com uma pessoa do sexo oposto, sob certas circunstâncias, os encoraja a assumir a liberdade existencial. (BAUER, 2001, p. 226) “O milagre está em que a cada amante ele [o erotismo] entrega no instante, em sua presença carnal, um ser cuja existência é uma

transcendência indefinida: a *posse* desse ser é sem dúvida impossível, mas pelo menos ele é atingido de maneira privilegiada e pungente”, escreve Beauvoir (BEAUVOIR, 2009, p.579) – para ela a relação erótica se dá nesse atingir de um para o outro no casal. E continua: “O erotismo é um movimento para o *Outro*; nisso reside seu caráter essencial. Mas no seio do casal os cônjuges tornam-se o *Mesmo* um para o outro; nenhuma troca é mais possível entre eles, nenhum dom, nenhuma conquista.” (BEAUVOIR, 2009, pp.579-580) A reciprocidade pode ocorrer especificamente na relação erótica definida pelos sujeitos que participam dela, mas fora dessa situação específica, como no casamento enquanto instituição, a situação do casal, enquanto relação sem reciprocidade, não muda. (OLIVA, 2013, p.152-153)

Sobre a ambiguidade sujeito-objeto sendo assumida e reconhecida pelos indivíduos na relação erótica, Barbara Andrew, em “Beauvoir’s Place in Philosophical Thought”, esclarece que nesse reconhecimento que ocorre na relação erótica, segundo a sua leitura de Beauvoir, “nós podemos ver esse outro como um corpo que tem vontade e nos deleitamos no prazer trazido não só pela objetividade mas também pela subjetividade do outro.”⁶ (ANDREW, 2003, p.41); Andrew nos chama a atenção para a objetificação do outro sem que a subjetividade dele seja ignorada e para o caráter positivo que essa subjetividade pode ter na relação. Ela entende que na relação erótica desejamos a liberdade do outro tanto quanto desejamos a nossa liberdade, e assinala que para Beauvoir é na “atividade erótica” que a ambiguidade humana se esgota em todos os aspectos. (ANDREW, 2003, p.41) Andrew associa (ANDREW, 2003, p.42) o sujeito da relação erótica, que compreende a si mesmo e o outro como consciência e corpo ao mesmo tempo, e o prazer que tiram da relação a um sujeito que compreende a si mesmo e o outro como sujeito e objeto ao mesmo tempo em outros âmbitos, e que por meio da moral existencialista que Beauvoir adota como perspectiva poderia “mudar o pensamento social” (ANDREW, 2003, p.42); em outras palavras, Andrew sugere que o sujeito que experiencia a sua ambiguidade na relação erótica e sente prazer com o outro porque o outro também é sujeito na relação pode tornar-se o sujeito da “moral existencialista” que Beauvoir desenvolve, onde conservar a liberdade do outro significa conservar a própria liberdade, o que possibilitaria homens e mulheres reconhecendo a si mesmos e aos outros de outras maneiras, criando novos valores. (OLIVA, 2013, pp.165-166)

⁶ “we can see that other as willed body and take delight in the pleasure brought by both the other’s objecthood and subjecthood.”

Uma relação homem-mulher desprendida das categorias de Homem e Mulher poderá ser realizada conforme os valores criados pelo homem e pela mulher que se relacionam, o que para alguns, segundo Beauvoir, consistiria em uma ameaça ao que admiram no que se conhece por “feminilidade”. (BEAUVOIR, 2009, p.932-933) Beauvoir dirige-se aos que não gostariam que “um certo ‘encanto’ feminino” se desfizesse, comparando-os àqueles que admiravam as flores plantadas por escravos: “Pode-se apreciar a beleza das flores, o encanto das mulheres e apreciá-los pelo seu justo valor, se tais tesouros se pagam com sangue ou desgraça, é preciso saber sacrificá-los.” (BEAUVOIR, 2009, p.933) O valor do que encanta e do que é apreciado pode surgir de escolhas autênticas que não sacrifiquem a liberdade de um existente, mas que a afirme. (OLIVA, 2013, p.166)

Discorri neste artigo a respeito das análises de Beauvoir sobre o corpo feminino em *O Segundo Sexo* como tema importante para compreender a situação da mulher de *Outro* e finalizei a minha reflexão trazendo à discussão alguns comentários sobre o que Beauvoir entende sobre a reciprocidade entre homem e mulher na relação entre ambos, com o intuito de salientar o destaque que a autora dá ao corpo para pensar a possibilidade de reciprocidade nessa relação. Assim, é possível identificar que o corpo não é somente importante para compreendermos como se constrói a situação da mulher, mas também para elaborarmos uma saída dessa situação, por meio de mudanças na sociedade e no reconhecimento de homens e mulheres, de si mesmos e dos outros, de sua condição ambígua de sujeito e objeto nas relações, como na relação erótica autêntica apontada por Beauvoir como uma espécie de “modelo” de relação onde há reciprocidade. Assim, um próximo passo que poderíamos dar é perguntar ao texto de Beauvoir a respeito de como a relação erótica autêntica alcançaria a relação homem-mulher em outros âmbitos da sociedade contribuindo para que houvesse reciprocidade nessas relações.

REFERÊNCIAS

ANDREW, B.S. “Beauvoir’s Place in Philosophical Thought”. In: CARD, C. (editor) **The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ARP, K. “Beauvoir’s Concept of Bodily Alienation”. In: SIMONS, M. A (Ed.). **Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir**. United States of America: Pennsylvania State University Press, 1995.

BAUER, N. **Simone de Beauvoir, Philosophy & Feminism**. New York: Columbia University Press, 2001.

BEAUVOIR, S. **Por uma moral da ambigüidade**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009. 2v.

BERGOFFEN, D. “Out from Under: Beauvoir’s Philosophy of the Erotic”. In: SIMONS, M.A. (Ed.) **Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir**. United States of America: Pennsylvania State University Press, 1995.

GOTHLIN, E. “Reading Simone de Beauvoir with Martin Heidegger”. In: CARD, C. (editor) **The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

OLIVA, J. **Identidade e reciprocidade em O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir**. São Paulo. 2013. 171p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia da Universidade São Judas Tadeu – USJT, São Paulo. 2013.

SÁENZ, M.C.L. “Merleau-Ponty (1908-1961) y Simone de Beauvoir (1908-1986). El cuerpo fenoménico desde el feminismo”. **Sapere Aude**, v.3 - n.6, pp.57-72. PUCMG: Belo Horizonte, 2º sem. 2012.

VINTGES, K. “*The Second Sex* and Philosophy”. In: SIMONS, M. A (Ed.). **Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir**. United States of America: Pennsylvania State University Press, 1995.